



O tratamento de notícias relacionadas à violência: uma comparação entre O Estado do Paraná e a Folha de Londrina¹

Laura Beal BORDIN²
Paola de Souza MARQUES³
Elza OLIVEIRA FILHA⁴
Universidade Positivo, Curitiba, PR

RESUMO

Toda notícia deve ser pautada pelo interesse público. Hoje, no jornalismo brasileiro, o interesse do público tem tomado esse espaço. As pautas são definidas de acordo com o que o leitor quer ler, e não o que ele deveria saber. Nexto contexto, analisaremos dois jornais: O Estado do Paraná e a Folha de Londrina, com diferentes visões e coberturas da temática violência⁵. Passaremos pelos critérios de noticiabilidade utilizamos na produção da notícia e ao que leva o homem a desejar ler sobre violência.

PALAVRAS-CHAVE: violência; mídia; sensacionalismo; ética.

1. Introdução

Realizar um trabalho de pesquisa, observação e análise aprofundada dos temas retratados pela imprensa paranaense. Esse é o objetivo do Observatório Paranaense de Mídia, grupo de pesquisa que funciona no Centro de Estudos e Pesquisa em Comunicação da Universidade Positivo. No ano de 2010, o tema central desse primeiro estudo foi decidido com base no momento político do período de pesquisas do grupo. Em ano eleitoral, discussões acerca dos problemas cotidianos enfrentados pela população ganham destaque e reflexão sobre as possíveis mudanças e soluções a serem adotadas. Violência e educação são temas amplos e com as mais possíveis abordagens, e estão sempre presentes nos discursos dos candidatos a cargos políticos. Neste contexto, buscamos ler e pesquisar desde a quantidade de menções aos temas até a qualidade e tratamento dado pelos veículos para essas questões. Dentre os jornais analisados e tabelados pelo grupo, vamos abordar de maneira comparativa a Folha de Londrina e o

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UP, email: laurabealbordin@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UP, email: paolasmarques@gmail.com

⁴ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da UP, email: elza@up.com.br

⁵ Os dados da pesquisa foram coletados no âmbito do trabalho do Observatório Paranaense de Mídia, que funciona no Centro de Estudos e Pesquisa em Comunicação da Universidade Positivo e integra o grupo de pesquisa Múltiplas Linguagens em Comunicação, registrado no CNPQ.



Estado do Paraná durante os meses de setembro e outubro. Nosso objetivo é mostrar que a temática violência suporta abordagens muito mais construtivas e reflexivas em comparação a abordagem tradicional do jornalismo policial.

2. Critérios de Noticiabilidade

A notícia é o principal produto da atividade jornalística. Sem notícia, não existe jornalismo, mas definir notícia é uma tarefa complicada. Muitas são as teorias a respeito do tema, desenvolvidas pelos mais diversos pesquisadores do jornalismo durante várias décadas. Para a professora Thaís Jorge, a notícia tem diversas características, difíceis de definição:

As notícias podem ser classificadas sob vários aspectos – por sua forma de apresentação, pelo conteúdo, pela estrutura – e segundo distintos ângulos de observação, como, por exemplo, a notícia em cada um dos meios de comunicação (rádio, jornal, revista, TV, internet). Elas podem ser objeto de consumo (mídia para as agências de publicidade, matéria paga nos veículos ou resultado de transações comerciais entre empresas); unidade discursiva (na literatura, retórica, ou lingüística); ou forma de transmissão cultural (na sociologia). No jornalismo, a notícia, além de aparecer como sinônimo de comunicação, informação, ainda é um gênero, por contraposição a outros (reportagem, artigo, coluna), e uma unidade básica de produção, que engloba um determinado *modus faciendi*, obedece a regras e oferece um certo resultado: o relato publicado. (JORGE, 2006, p. 2)

Alguns acreditam que a notícia é uma transcrição da realidade a chamada teoria do espelho. Outros acreditam em uma rotina jornalística que define essa informação. É a teoria do newsmaking, que compara a produção noticiosa com uma produção industrial. Felipe Pena assim define a teoria do newsmaking:

“Embora o jornalista seja participante ativo na construção da realidade, não há uma autonomia incondicional em sua prática profissional, mas sim a submissão a um planejamento produtivo. As normas ocupacionais teriam maior importância do que as preferências pessoais na seleção das notícias”. (PENA, 2008, p. 1)

Para virar notícia, um fato passar por uma espécie de bateria de testes, os conhecidos valores-notícia ou, critérios de noticiabilidade. Para Gislaine Silva, os valores notícias podem ser pensados de diferentes maneiras:



No que diz respeito especificamente aos valores-notícia, o conceito poderia ser demarcado sistematizando-se aspectos apontados de forma ligeira por vários autores. Chamados também de valores informativos ou fatores de notícia, esse grupo de critérios cerca a noticiabilidade do acontecimento considerando origem do fato, fato em si, acontecimento isolado, características intrínsecas, características essenciais, atributos inerentes ou aspectos substantivos do acontecimento. (SILVA, 2005, p. 6)

Os valores-notícias foram pensados pelos mais diversos autores e teóricos. Para Mauro Wolf (2003 apud SILVA, 2005), os critérios são internalizados pelos jornalistas, tanto no processo de produção da notícia, quanto na seleção dos fatos. Nos critérios de noticiabilidade, há de pensar sobre as ações pessoais e profissionais do jornalista que participa do processo da criação das notícias, seu caráter e seus valores (SILVA, 2005). A bagagem que cada jornalista carrega e a rotina noticiosa nas redações faz com que os valores-notícias utilizados naquela redação sejam internalizados e nunca discutidos. A rotina dos jornalistas e os valores-notícias vigentes são tão claros, que na grande maioria das redações, as pautas levantadas são um consenso, ou seja, dificilmente discutidas.

Valores-notícia, as *características do fato em si*, em sua *origem*, são somente um subgrupo de fatores agindo juntamente com esse segundo conjunto de critérios de noticiabilidade, relacionados agora ao *tratamento do fato*. Estudar a seleção implica, inclusive, rastrear os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e do público nessas decisões. (SILVA, 2005, p. 5)

O que é notícia para um, é notícia para todos. Neste contexto esquece-se o papel social do jornalista, que é pensar e discutir os padrões vigentes na sociedade, e não apenas reproduzir. Para Thaís Jorge, os conceitos correntes, definem notícia em base em três diferentes pontos de vista, o interesse público, a atualidade e a verdade. (JORGE, 2006).

No que diz respeito a jornalismo policial, a definição de Thaís Jorge não se encaixa. Interesse público se confunde com interesse do público, e verdade se confunde com fatos não investigados e aceitos como verdade.

3. Interesse Público x Interesse do Público



A profissão de jornalista é regida por diferentes regras. O documento mais importante no que diz respeito à ética jornalística é o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007)⁶. Lá, estão descritos todos os direitos e deveres do jornalista com a ética e com a verdade. Em uma breve leitura, podemos perceber que o compromisso com o interesse público é um dos termos mais recorrentes, portanto mais importantes do código de ética. No que diz respeito a interesse público, o código é claro:

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que:

...

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público; (FENAJ, 2007)

Observa-se que as empresas de comunicação não se pautam pelo interesse público descrito no código de ética, e sim, no interesse do público. Violência e crime são um dos tópicos mais abordados nessa área que, muitas vezes não são de interesse público, pois não implica em qualquer mudança social, somente incita a curiosidade dos leitores quanto ao acontecido. Para Francisco José Castilho Karam, o marketing tem se envolvido em grande parte da produção jornalística, fazendo com que o compromisso com o interesse público seja deixado de lado.

Em tal direção deslocou-se, a meu ver, parte do contemporâneo marketing da comunicação, que ultrapassa a mera propaganda e publicidade tradicionais para, em alguns casos, intervir nos discursos de editoriais e repercutir na cobertura jornalística, da pauta à edição final. A subscrição dos códigos deontológicos e princípios profissionais tem sido usada, em muitos casos, para minimizar ou dissimular efetivas operações e interesses que se dão no âmbito do sigilo, de difícil comprovação, embora tenham, como os próprios códigos estipulam, extremo interesse público. (KARAM, 2004, p. 13)

As notícias de interesse público são aquelas que têm valor na sociedade. Notícias que trarão uma discussão sobre diferentes temas, que, caso veiculadas na mídia, e for de

⁶

Código de ética dos jornalistas brasileiros. Disponível em: www.fenaj.org.br . Consultado em 28 de março de 2011.



conhecimento coletivo, de conhecimento da sociedade, trarão uma mudança. Muitas vezes o interesse público é confundido com o interesse do público, que se trata simplesmente do que o povo quer saber, sem maiores consequências. Nas notícias de violência, o principal valor-notícia que é levado em conta é o interesse do público. Na grande maioria das vezes não há discussão, somente um fato isolado.

No interesse do público influi no interesse público diariamente nas redações brasileiras e o fato noticiado vira apenas mais um nas dezenas de outras informações que uma pessoa absorve em um dia.

3.1 Violência como interesse do público

A violência presente todos os dias nos jornais pode ser considerada como interesse do público. Mas qual é o principal motivo desta atração pelo assunto violência? Segundo Danilo Agrimani, “Diversas disciplinas (sociologia, antropologia, psicologia, psicologia social, psicanálise, e mesmo a filosofia), quando se propuseram a discutir a violência, chegaram a uma encruzilhada comum: a dificuldade de entender o lugar da cultura e dos instintos.” (AGRIMANI, 1995, p.58)

Uma hipótese sugerida pelo autor é a exclusão:

O que move essa pessoa até a banca e faz com que ela prefira o jornal sensacionalista a um outro veículo mais “sóbrio”? O que o jornal do gênero “espreme que sai sangue” oferece que os outros sonégam? Como entender esse procedimento, essa opção? Pode-se seguir um raciocínio que leva à exclusão: Os leitores de jornais sensacionalistas têm uma formação cultural precária, portanto, estão mais próximos dos instintos e suas manifestações; ao contrário, as pessoas cultas, de formação intelectual superior, teriam os instintos mais “sobcontrole”, logo, sua opção só poderia mesmo recair sobre os veículos mais moderados, mais racionais. (AGRIMANI, 1995, p.53)

Para Agrimani, essa explicação só é atraente por sua simplicidade. Simplicidade até demais. Para o autor, não é a formação cultural do indivíduo que explica o seu interesse pela violência. A explicação é um pouco mais profunda e complicada. Quem diz é Sigmund Freud:

No texto “Mais Além do Princípio do Prazer” (1919-1920) Freud desenvolve a ideia de que a natureza convive com instintos opostos: instintos de vida seriam aqueles que trazem tensões, “cuja descarga é



sentida como prazer”, enquanto que os instintos de morte “parecem efetuar silenciosamente seu labor” (AGRIMANI, 1995, p.55)

Agrimani complementa a teoria freudiana e afirma que a finalidade da violência da vida do ser humano é aliviar as pulsões agressivas naturais, derivadas do período onde era guiado apenas por instinto, e compara a violência ao esporte, por exemplo.

A satisfação oferecida não teria outra finalidade senão a de favorecer o alívio de pulsões agressivas de natureza inconsciente. É obrigatório observar que essa “descarga” sempre tem sido “canalizada” culturalmente. Não é novidade para ninguém a importância que o esporte exerce na “explosão controlada” de instintos hostis. Já os equipamentos, os meios, postos a serviço da cultura, vêm-se sofisticando, comprovando empiricamente esta concepção. (AGRIMANI, 1995, p 57)

Neste contexto, para o autor, o jornal só estaria atendendo uma necessidade do público. Ler sobre violência. “Mas ao fazer esse movimento, ao valorizar a notícia eu traduz um fato violento, o jornal sensacionalista está apenas atendendo a um desejo específico do seu público”. (AGRIMANI, 1995, p 57)

Mas será esse o papel social de um jornal? Teria o jornal que atender aos desejos do seu público, ou seguir seu papel de informar, tendo em vista o interesse público? Para Eugênio Bucci, falar sobre violência com ética é possível: “Pode-se fazer jornalismo popular e mesmo jornalismo policial, cujo tema é a violência, dentro dos bons padrões éticos. Sensacionalismo é o jornalismo que se curva ao preconceito, intensificando-o.” (BUCCI, 2000, p 154)

Segundo o preceito três, do código de ética da ANJ (Associação Nacional dos Jornais), o interesse público deve estar acima de outros interesses, como os comerciais, por exemplo. “Apurar e publicar a verdade dos fatos de interesse público, não admitindo que sobre eles prevaleçam quaisquer interesses.” (ANJ, 2011)⁷ Preceito que, na grande maioria das vezes, não é seguido.

A explicação menos simplificada que a da exclusão, proposta por AGRAMANI é que o leitor do jornal “sensacionalista” e o leitor do jornal dito “sóbrio” se interessam igualmente por violência, visto que detalhes de crimes são publicados tanto em um como no outro. O que os difere é a linguagem utilizada para transmitir essa mensagem.

⁷ Código de Ética da Associação Nacional dos Jornais – Disponível em www.anj.org.br. Acessado em 29 de março de 2011.



Tomando como exemplo o jornal Folha de Londrina, que posteriormente será analisado, percebemos que existe uma preocupação dos jornalistas com a abordagem e aprofundamentos das pautas derivadas de assuntos relacionados a violência. Notícias e notas sobre mortes trágicas e acidentes violentos estão presentes no jornal, porém com um espaço definido (publicados sempre com o mesmo tamanho e página) e sem chamadas de capa apelativas. Essas notícias são tratadas como eventos que ocorrem nas grandes cidades e estão dentro dos critérios de noticiabilidade e de interesse público. O que de mais interessante que se percebe nesse periódico é a não valorização de mortes e acidentes violentos com a publicação de detalhes muitas vezes chocantes. Usa-se como gancho jornalístico para aprofundar questões públicas, inerentes ao cidadão da região onde circula.

Um exemplo é reportagem publicada no dia 22 de setembro de 2010. Com o título “Parceria visa fortalecer reinserção de presos” o texto trata de parcerias de instituições públicas e privadas na complicada tarefa de ressocialização de presos. O foco da reportagem é mostrar que a responsabilidade não é apenas do poder público, mas também dos habitantes que vão voltar a conviver com aqueles antigos presos.

Outro ponto positivo é a matéria correlata, desta mesma reportagem, de título “A gente sai e não fica perdida” que descreve através de depoimentos que os presos e presas também estão perdidos nessa saída da detenção e volta a convivência em sociedade. Formentar essas várias visões que um fato pode ter é um exemplo de responsabilidade do jornalista e do veículo onde ele atua.

4. O Estado do Paraná x Folha de Londrina

Desde o seu surgimento, o jornal O Estado do Paraná, criado no ano de 1951, tem como base a política. Foi formado através de alianças políticas e tinha como objetivo primeiro promover uma nova voz, de defesa e oposição, dentro do cenário político paranaense. Portanto, o espaço nobre do jornal sempre foi a editoria política, deixando de lado editorias como educação e cidades.

Em 1965, foi inaugurado um novo parque gráfico que, além de O Estado do Paraná, publicava, desde 1956, a Tribuna do Paraná, jornal que no final dos anos 60 ganhou novo projeto editorial especializando-se no binômio futebol/polícia. Tratava-se na época da presente pesquisa do veículo mais popular entre todos os jornais paranaenses, com uma tiragem de 22 mil exemplares, destinada exclusivamente à venda em banca.(OLIVEIRA FILHA, 2007)



Atualmente, devido a falta de profissionais na redação todo o conteúdo é compartilhado com a Tribuna do Paraná. O Estado do Paraná circulava⁸ de terça a domingo.

A Folha de Londrina foi criada em 1948 e circula diariamente na cidade de Londrina e região, no norte do Paraná, além da capital do estado, Curitiba. O jornal busca como pauta acontecimentos regionais e valoriza todo o tipo de informação de interesse público. O jornal viveu sua época de ouro nos anos 50. Tinha como objetivo se tornar uma das principais publicações do Mercosul. Hoje sua influência está reduzida a região de Londrina e norte do Paraná.

5. Análise

Para a seguinte análise, foram lidas 26 edições do Estado do Paraná e 31 edições da Folha de Londrina, ambas publicadas no mês de outubro de 2010. Das 26 edições do Estado do Paraná, foram contabilizadas 126 menções aos temas segurança e educação. Desde número, apenas 8 tratavam sobre educação. As 118 restantes tinham como foco, o tema segurança. Das 31 edições da Folha de Londrina ocorreram 196 menções aos temas estudados pelo observatório. Nesta publicação, foram 104 ocorrências sobre educação, e 92 sobre segurança.

Para a compreensão da informação jornalística, é importante se aprofundar nos temas abordados na mídia impressa.

O público que recebe antecipadamente as informações via rádio ou televisão, motiva-se a procurar no jornal do dia seguinte os detalhes que possibilitem o aprofundamento da informação, ou mesmo a análise que o auxilie na compreensão dos fatos e consequente formação de opinião. (SILVA, 1999, p.317)

No jornal O Estado do Paraná fica claro a falta de aprofundamento da informação, uma vez que, das 118 menções do jornal à temática segurança, apenas 4 eram reportagens com mais de duas fontes. As outras ocorrências, ou se tratavam de pequenas notas de coluna, ou notícias com visibilidade de, em média, uma coluna, e menos de 15 centímetros. A Folha de Londrina, por sua vez, teve 92 menções ao assunto segurança. Dessas, 10 eram reportagens com objetivo de aprofundamento. Um caso observado durante a análise foi o de uma jovem de 13 anos, que sofreu uma overdose e foi encontrada morta em um motel de Londrina. A notícia foi veiculada no dia 10 de outubro e repercutiu até o dia 22 de outubro. Além de noticiar o caso trágico,

⁸ O jornal parou de circular em fevereiro de 2011.



o jornal procurou ouvir os envolvidos no episódio. Como gancho, a FOLHA noticiou a falta de critério dos motéis ao permitir a entrada de menores de idade nos estabelecimentos. Neste mesmo contexto, o jornal ouviu a população e cobrou das autoridades competentes atitudes para modificar esta situação, demonstrando um engajamento para com os problemas da região onde circula.

No que diz respeito à utilização de fontes, nenhum dos dois jornais mostra uma atitude diferenciada. Das 118 menções ao tema segurança no jornal O Estado do Paraná, 112 tem informações apenas de fontes oficiais, em sua maioria, a polícia militar. Já na Folha de Londrina, 80 matérias ouvem apenas fontes oficiais. Essa é uma atitude comum quando a temática é violência, e o principal motivo é a relação entre a fonte e o jornalista. “(...) as notícias são fruto de um processo de negociação entre jornalistas e fontes. Estas, por deterem a informação original, tendem a dominar o jogo. Além disso, as fontes oficiais predominam sobre as outras.” (MACHADO e MOREIRA, 2005, p. 117)

Hoje, qualquer jornal diário no Brasil fala de segurança, noticia a violência. Para Sílvia Ramos e Anabela Paiva, falar sobre a temática é uma tendência que vem da década de noventa.

Uma alteração significativa foi o ingresso nas páginas dos jornais, especialmente a partir da segunda metade dos anos 1990, de pautas sobre segurança pública. A escalada das estatísticas de homicídios, o aumento do número de vítimas entre a classe média e alta e a chegada de especialistas a cargos de gestão em secretarias de segurança fizeram com que a imprensa passasse a incorporar esta temática. (RAMOS e PAIVA, 2007, p17)

Embora os dois jornais analisados não tenham uma temática sensacionalista, o assunto violência segue nas pautas diárias, principalmente no O Estado do Paraná, que publicava diariamente cerca de 5 matérias relacionadas ao tema segurança. Já a Folha de Londrina, publica cerca de 2 matérias do mesmo perfil. Para Agrimani, o jornal não precisa ter cunho sensacionalista, para ser violento.

Nos jornais não-sensacionalistas, há sempre uma carga intensa de violência que não se revela, que não se escancara com a mesma intensidade encontrada nos jornais a sensação. Essa violência pode ser detectada na crítica ferina, no editorial agressivo, no artigo emocional, na foto marcante, na reportagem denunciadora. Mas é uma violência “disfarçada” e “ilegível” na forma editorial, enquanto que no jornal sensacionalista a violência faz parte da linguagem e da forma de edição. (AGRIMANI, 1995, p. 57)



Neste contexto, a violência está implícita no jornalismo, seja o jornal sensacionalista ou não. O jornal só tem que saber como lidar com essa carga de violência. No caso, não se deve esquecer os fatos violentos, mas discutir as causas por trás deles. Esse é o maior desafio. Aprofundar os temas tratados diariamente.

6. Considerações Finais

Discussões sobre violência são cada vez mais comuns da sociedade, pensa-se em violência diferentemente do que se pensava anos atrás. Os fatos presentes nos jornais são interpretações do jornalista sobre a realidade. O que chega nas mãos do público são leituras de acontecimentos feitas por um jornalista. De nada adianta se pensar diferente se os jornais não abordam a violência de forma diferente. Neste artigo, foram observadas duas formas diferentes de tratar a violência: uma delas, só noticiando atos violentos, crimes onde as fontes consultadas são somente as oficiais. Outro, também noticia atos de violência, mas apresenta uma postura diferente ao tratar esse ato. Procura promover a discussão com a população sobre quais são os fatos originais que levam a tal demonstração de violência. Hoje, a violência chegou a tal ponto e se mostra tão presente no dia a dia, que precisa ser discutida, não apenas noticiada. O jornalismo impresso é o melhor lugar para fazer esta discussão, já que proporciona espaço para o aprofundamento dessas questões. É esse tipo de atitude que se espera de uma imprensa séria e de jornalistas comprometidos. Afinal, é esse o papel da mídia e do jornalista brasileiro, contribuir para a formação de uma sociedade mais justa, crítica e informada.

REFERÊNCIAS

AGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue: um estudo do sensacionalismo na imprensa**. São Paulo: Summus, 1995.

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. Contexto: 2006.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de ética dos jornalistas brasileiros. <Disponível em: www.fenaj.org.br> Acessado em 28/03/11.

JORGE, Thaís de Mendonça. **A notícia e os valores-notícia. O papel do jornalista e dos filtros ideológicos no dia-a-dia da imprensa**. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Jorge.pdf> acessado em 26/03/2011



KARAM, Francisco José Castilhos. **Ética Jornalística e Interesse Público**. São Paulo: Summus, 2004

MACHADO, Márcia e MOREIRA, Fabiane . **Jornalismo e informação de interesse público**. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Vol. 1, No 27 (2005). Disponível em: < <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/443/370> > Acessado em 28/03/2011.

SILVA, Camilo Rosa da. Existe uma linguagem jornalística? in MOURA, Denilda (org) **Os múltiplos usos da língua**. Maceió: Edufal, 1999. pgs 317-324.

SILVA, Gislaine. **Valores-notícia: atributos do acontecimento (Para pensar critérios de noticiabilidade I)**. Disponível em: < <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/17409/1/R0797-1.pdf> > acessado em 26/03/2011

RAMOS, Sílvia e PAIVA, Anabela. **Mídia e Violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. **Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 17, n. 2, Aug. 2009 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2009000200011&lng=en&nrm=iso acessado em 29/03/ 2011

Olhares sobre uma cobertura: a eleição de 2002 para o governo do Paraná em três jornais **locais**

Curitiba: Pós-escrito, 2007